

Celebrando as sete cores do arco-íris

1ª Parada Gay Paranaense acontece hoje reunindo cultura, manifestações de protesto e bom humor

Humberto Slowik

No dia 28 de junho de 1969, o bar Stonewall, em Nova York, foi o local de uma batida policial em que diversas pessoas foram agredidas, num ato de pura violência por parte da polícia da cidade. De certa forma, este fato poderia ter passado em branco — sabe-se que a conduta policial nem sempre é a mais correta e diversos atos de agressão já foram cometidos em nome da lei e da ordem, a maioria deles sem nenhuma repercussão — se Stonewall não fosse um local freqüentado por gays, lésbicas e simpatizantes. Por este simples motivo (e por uma idéia dos grupos que se mobilizavam no sentido de organizar o movimento gay nos Estados Unidos), a data marca o início da promoção dos direitos iguais para todos os cidadãos independente de sua orientação sexual, e é lembrada mundialmente como o Dia do Orgulho Gay.

Passaram-se 28 anos, e as minorias sexuais continuam em sua luta. É marcando este movimento que acontece hoje, a partir das 9 horas da manhã, a 1ª Parada Gay Paranaense. Como acontece em grandes cidades do planeta, a parada deve reunir homossexuais e simpatizantes numa marcha até a Boca Maldita, com animação do humorista Jorge Lafond. "Nós devemos reunir cerca de 300 pessoas", diz Toni Reis, responsável pelo Grupo Dignidade e um dos idealizadores e coordenadores do evento em Curitiba. Se comparado com o números já conseguidos nas

paradas realizadas em cidades americanas e européias, parece uma quantidade modesta, mas segundo Toni, "é um número bastante representativo."

Geléia geral

Para que o evento tenha o caráter mais democrático possível, todos os sub-gêneros encontrados dentro desta miscelânea sexual terão sua representação. Além das já badaladas *drag queens, go go boys, drag kings* (mulheres que se vestem de homens), travestis e Anarco Punks, entre

"Desistimos de queimar Riders por ser politicamente incorreto"

outros, devem marcar presença. "A nossa principal intenção e não restringir o evento apenas aos homossexuais. A presença da população é muito importante", explica Toni. Neste caso, o comparecimento de familiares e afins deve ser outro elemento que marca a parada.

Mas como no Brasil quase tudo vira festa, algumas atrações fazem parte do pacote todo. O cantor lírico Raimundo Pereira (considerado o único soprano nacional, com voz semelhante aos antigos *castratti*), deve apresentar *Bachianas n° 5*, de Villa Lobos e *O Mio Bambino Caro*, da ópera *Gianni Schicchi*, de Puccini, enquanto o bailarino Ary Coelho mostra sua performance *Dança da Loucura* em plena rua. O grupo

Musas e Bananas deve colocar mais um pouco de humor, em meio a homenagens ao falecido Renato Russo, Lala Schneider, e ao folclórico juiz de futebol Margarida, entre outras personalidades do movimento.

Fogueira

Apesar dos realizadores não terem sido vítimas de nenhum protesto durante a organização do evento, um dos atos que poderiam ser considerados marcantes não vai mais acontecer. Enfurecidos com o comercial das sandálias Ryder (que mostrava homossexuais), os organizadores iriam fazer uma fogueira com alguns exemplares do tal chinelo em sinal de protesto, lembrando, talvez involuntariamente, as feministas que queimaram sutiãs em praça pública. "Desistimos por ser politicamente incorreto. Alguns ecologistas foram contra, por causa da fumaça e da poluição. Nós iremos rasgar as tiras de alguns pares", diz Reis, falando de uma idéia um pouco mais civilizada, mas muito menos divertida do que, por exemplo, usar sandálias Havaianas. Provavelmente ninguém deverá sentir falta do cheiro horrível que iria empastear o local da fogueira — dava para imaginar o bando de gente que fugiria correndo para que cabelos e roupas não adquirissem tal odor.

A parada também serve como meio de popularizar os símbolos do movimento homossexual, como o arco-íris e o triângulo rosa, e deve contar com uma bandeira com os mesmos medindo 24 metros.